

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º à entrega	20.º Anno — XX Volume — N.º 659	Redacção — Atelier de gravura — Administração
Portugal (franco de porte, m. forte)	3,800	1,800	595	120	20 DE ABRIL DE 1897	Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.— Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)...	4,000	2,000	—	—		
Extrang. (união, geral dos correios)	5,000	2,500	—	—		

SOUSA MARTINS

Regressando da sua viagem a Veneza, aonde foi em serviço publico, Sousa Martins encontrou alvoroçados todos os seus admiradores para o receberem festivamente. A Empresa do OCCIDENTE, publicando hoje o seu retrato, associa-se a tão merecidas demonstrações.

Para acompanhar o retrato, quer a Empresa algumas palavras minhas; e eu, que não posso negar o meu conhecimento do alto valor do retrato, e não posso corresponder á amabilidade do jornal com uma escusa desagradavel, vejo-me por isso mesmo n'um pequeno embarço.

Bem ou mal, os articulistas da minha terra tem acostumado os seus leitores a sempre encontrarem em todo o escripto o picante de uma surpresa; e de Sousa Martins, tão conhecido e respeitado em todo o reino, não ha surprehenderes novidades a relatar; de modo que, ao finalisarem a leitura, ficarão os leitores sabendo o que já sabiam do homem de quem escrevo, e formando uma triste idéa de quem escreve.

Não importa. A amizade, que dedico a Sousa Martins, vale bem o sacrificio, e ainda outros maiores; e visto que não ha espaço nem occasião para o unico meio de me salvar, que seria o dar uma completa biographia, serei mais uma voz no coro de applausos, que elle tanto merece, serei mais uma a dizer o que toda a gente já sabe.

Está Sousa Martins na idade madura; tem e teve sempre uma infatigavel curiosidade, uma incomparavel força de trabalho, uma perspicaz percepção, um

claro espirito critico, um invejavel poder de comunicação; e usou sempre, largamente e utilmente, de todos estes dons, dedicando-se ás sciencias naturaes. Levado por um lado pelo destino, que tanto lhe concedeu, impellido por outro lado pela vontade de trabalhar, que é e sempre foi n'elle a do homem forte, que havia de resultar de taes forças em conjunção?

Dedicou-se á medicina, e saiu um grande medico em toda a extensão da palavra.

Como professor é eximio, e são os seus collegas do professorado, que tal o proclamam; como

clinico é auctoridade, e são os seus collegas clinicos, que assim o affirmam; como medico legista é um revelador, e são os seus companheiros de investigação, que d'isso o classificam; como hygienista é profundo conhecedor de todas as doutrinas e de todas as praticas d'este ramo o mais util e o mais importante de toda a sciencia medica, e é elle mesmo quem o affirma de si, não por palavras, mas por obras e conselhos, que os poderes publicos lhe tem pedido e d'elle tem havido, quasi ininterruptamente, desde que em 1874 o governo portuguez o mandou por delegado seu

ao Congresso Sanitario de Viena, onde o rapaz de poucos annos suppriu com o seu talento a sua falta de experiencia, e deu passos tão seguros, que os congressistas seus companheiros, já velhos em trabalhos d'aquella ordem, applaudiram-no e estimaram-no, sendo, então e d'este modo, que o seu nome começou a ser fallado fóra dos estreitos limites do seu paiz.

Foi n'esta qualidade de homem hoje perfeitamente senhor dos assumptos que tinham de ser debatidos na ultima Conferencia internacional e medica de Veneza, que o governo portuguez o encarregou de representar Portugal n'esse novo congresso, onde já era de prever, e os resultados confirmaram, que as difficuldades haviam de ser muitas e grandes, e as mais d'ellas invenciveis.

Transplante-se para o exclusivo campo da hygiene publica a actual questão da ilha de Creta, e ficar-se-ha sabendo o que realmente valeu a Conferencia de Veneza. As pequenas nações a quererem salvar-se de uma molestia epidemica



DR. SOUSA MARTINS

(Cópia de uma photographia)

e medonha, como em politica os pequenos povos aspiram ao desafio da liberdade; e as grandes nações a abusarem da sua força para opporem a tal direito as suas vantagens e interesses egoistas, como em Creta vão deixando morrer aos centos os fracos e opprimidos, porque ainda não chegou a hora d'ellas se poderem entender na partilha dos despojos, que só para ellas devem ser.

Os resultados uteis e praticos da Conferencia de Veneza, diz-se que foram poucos ou nenhuns por influencia predominante das grandes nações, que ou não admittiram principios, que se prestavam a ser postos em duvida, ou adiaram as resoluções fundadas em principios provaveis para quando a investigação scientifica os torne de todo provados e certos, o que só tarde poderá ser.

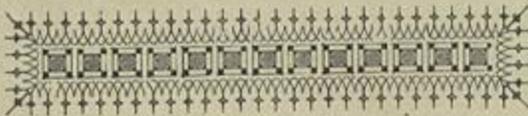
N'esta inutilizada Conferencia de Veneza, onde, ainda assim, não entrava como um desconhecido, o delegado portuguez combateu pela salvação dos povos; e, combatendo, mostrou-se tão sabio e eloquente, como elle realmente é, resultando-lhe d'ahi uma ovação feita por estrangeiros, exactamente igual ás que aqui lhe costumamos fazer, nós os seus nacionaes. As honras que lá recebeu, todas devidas, foram-lhe prestadas por homens que já conheciam a sua reputação, e n'aquella hora verificavam que a reputação era merecida.

Já por outra forma, e n'outra parte, tive eu occasião de dizer, que Sousa Martins indo de Portugal a Veneza, e voltando de Veneza a Portugal, foi e voltou do mesmo tamanho que sempre teve; e se a classe medica portugueza foi, de todos os seus admiradores, quem mais pressurosa o festejou, fel-o por um modo e com um fim differentes d'aquelles, com que entre nós é costume celebrar os que voltam do estrangeiro, aonde alguns, poucos, vão servir o paiz, os mais d'elles vão servir o paiz e a si mesmos, e até alguns só a si mesmos.

Sousa Martins, na sua recente missão, prestou serviço ao paiz, e não a si mesmo. Glorias, trouxe as que de cá levára; a saude, comprometeu-a; e, quanto a interesses pecuniarios, perdeu-os e não os ganhou, sendo aliás uso muito seu, e já velho, nunca os exigiu, e muitas vezes recusou-os.

A hora, em que isto escrevo, o grande medico, sabio e querido, soffre as consequencias do trabalho que teve em clima, que lhe não foi favoravel. Os seus amigos, ansiosos e tristes, assustam-se com o estado da sua saude. Permitta Deus que a gravidade supposta seja apenas uma illusão, produzida pela cegueira da amizade.

M. Bento de Souza.



CHRONICA OCCIDENTAL

Fóra de todas as praxes tem hoje de ser a minha chronica infiel ao meu dever de chronista; nada sei do que se ha passado em Lisboa, nada sei, nada aos ouvidos me chegou. Apenas uns dois ou tres jornaes já antigos, encontrados por acaso sobre a mesa da hospedaria, me trouxeram de longe algumas novas, já velhas quando a mim chegaram.

Mas que importa? Portugal é enorme e não só a capital merece, e muito menos deve merecer, as nossas attentões.

Falar-lhes-hei d'um cantinho da provincia quasi desconhecido de Portugal inteiro e que entretanto é uma região encantadora.

Escrevo de Garvão, uma villa muito velha, Garvão, como antigamente se dizia. É no Baixo Alemtejo, no concelho de Ourique.

Ha oito dias que aqui estou, na hospedaria do Xavier, o que pôde haver de mais genuinamente alemtejano. Uma casita de taipa muito caiada, muito limpinha, com uma barulhada enorme de pardaes matutinos no telhado, que lhe dá alegria, e um porco morto no domingo, que nos fornece ha tres ou quatro dias jantares de estalo.

Mesmo por detraz da estação nos fica a nossa morada. A pequenita do meu hospedeiro a Miraldina, anda ali a entoar uma cantiga, que lhe ensinaram, entre a chilreada dos pardaes. É quasi noite. D'aqui a pouco voam elles de todas essas arvores para os telhados, onde teem os ninhos. E quando anoitecer, vai começar um outro concertro. Ha uma infinidade de rouxinoes n'essa ribeira. E toda a noite cantam. Coaxam as rãs, grillam os grillos. Ouve-se de espaço a espaço um sopro e uma coruja vem todas as noites ao pé da janella illuminada dar-nos uma gargalhada, quando acabamos de ceiar.

Quando, depois de muitos annos de vida de ci-

dade, podemos ter o enorme prazer de respirar na montanha um pouco d'esse ar finissimo, perfumado pelo rosmaninho, parece que a nossa alma toma um banho, que toda essa luz a penetra até ao intimo, levando-lhe a paz, amortecendo-lhe a dôr, apagando-lhe a memoria de tanta pequenina miseria que por ahi rasteja.

O campo vai lindo, embora os lavradores, por balda certa, se queixem sempre. São agora as searas que precisavam de mais uma pinguita d'agua. Estamos em abril no tempo das aguas mil. Ha de a chuva chegar a tempo.

Nunca vi tanta flor junta como ahi por esses cabeços. A esteva está toda florida. É um mar verde e brauco todo elle a ondolar. Em cada tronco abrem-se dez a doze flôres enormes, a maior parte com cinco, uma ou outra com seis petelas. Ao pôr do sol começam as flôres a enrolar-se devagarinho, vão fechando-se em botão, mal se lhes percebe uma pontinha de branco, que fica espreitando para dar signal da aurora. E juntamente com as estevas crescem ahi por toda a parte as urzes, o rosmaninho, o alecrim. A ribeira está cheia de golfos, brancos nos sitios em que as aguas dormem á sombra dos choupos e das azinheiras, que sobre ella se debruçam.

Não ha paizagem mais serena do que esta, nem mais preferida pela profusa variedade das aves de Portugal.

É agora defeza a caça e fielmente é aqui por todos cumprida a lei. Andam ansiosos os caçadores pelo mez de julho. Levantam-se nos perdizes a cada passo. Onde se roce um pouco de matto, apparecem logo tocas de coelhos. E, caso raro onde tanto coelho existe, abundam por aqui as lebres.

O ar é constantemente cortado pelas aves mais variadas. Resoam as andorinhas, vão ondulado os bandos dos pintasilgos, os trigueirões riem em todas as arvores com ar trocista, os melros asobiam nas balsas, as milharucas, que parecem feitas de pedras preciosas, gritam, voando em circulos á procura das abelhas, os gaios berram fugindo de arvore para arvore, as pôppas e as pegas fazem os ninhos nos troncos velhos das azinheiras, os corvos aos pares andam grasnando muito alto, e, mais alto do que elles, traçam grandes circulos as aguias caçadoras.

Pouco se trabalha no campo n'este momento. Apenas um ou outro pastor se encontra levando o rebanho a travez da serra.

A grande riqueza da terra são os montados de azinho, que por ahi cresce formando por vezes cerradas florestas. Proximo d'aqui abundam os sobreiros. Em Garvão está-se construindo, por conta do sr. Rodolpho Torres uma vastissima fabrica de rolhas.

Ainda é a cortiça uma das maiores riquezas da nossa terra menos sujeita do que o vinho á concorrência.

A gente da terra é como a de todo o Alemtejo intelligente, paciente no trabalho, honrada e humilde. Alguns do povo teem graça e ajuda-os a maneira de falar, uma cantoria especial, que já tem o que quer que seja de algarvio.

Ha dias, um cabreiro espantado deante d'um theodolito perguntou a um trabalhador o que é que se via pelo oculo:

— A tua avó, Santa Luzia, Collos e o Vasco da Gama.

Esta mistura de coisas embasbacou o cabreiro que quiz olhar e não viu nada senão uma bandeirola espetada com as pernas para o ar.

Depois d'isto o mesmo trabalhador explicou que o Vasco da Gama era um homem, que tinha uns restos mortaes d'um cadaver que era tambem de muitos outros.

D'aqui a pouco começam os bailes, exactamente quando elles em Lisboa acabam. Para sabbado de alleluia annuncia-se o primeiro. É uma noticia para o high-life do Occidente.

Ahi vão quatro cantigas ao acaso, com todas as suas incorrecções, algumas d'ellas com verdadeira poesia:

Fui ao jardim colher trevo,
Achêi o trevo colhido
Sem o trevo não me atravo
A tomar amores comtigo.

No jardim vi uma rosa,
E colhi a meiga flor.
Era linda e tão mimosa
Como um suspiro d'amor.

Puz-me a pescar em um mar d'oiro
Com boias de amor tyranno.
As boias foram ao fundo,
Pesquei um eterno engano.

Quando eu conversei contigo
N'aquella sala escura,
Mais valia que atirassem
Com meu corpo á sepultura

Pela musica com que são cantadas estas cantigas, percebe-se ainda talvez a origem arabe d'esta população do Alemtejo. Na alegria do canto ha tons melancolicos, suspensões, conclusões que não se esperam, fóra das regras, fóra da logica. N'isso consiste a sua belleza principal e, quando a gente a ouve na charneca, entoada por algum pastosito, sente uma impressão extranha.

O verão é o grande tempo das festas e ainda hontem vi o programma das que em Garvão se realisaram o anno passado, no mez de setembro. Missa, carros enfeitados, danças ao ar livre, fogo de vistas e toiradas.

Do valle do Tejo até á fronteira do Algarve, sem toiros é que não ha festa possivel. Entretanto nada mais differente das famosas corridas de Lisboa, Setubal, Cartaxo ou Santarem, de que estas toiradas que por aqui se realisam sem programma, sem cavalleiros, sem capinhas e até ás vezes sem touros.

O que torna o espectáculo devéras attraente é a alegria dos espectadores, em cima dos carros, em pé sobre os palanques, ás janellas ou ás portas das casas, porque uma praça em qualquer sitio se improvisa de um dia para o outro.

Não ha farpas. O boi é chamado por toda a gente que na praça o quer chamar. As vezes dez, vinte, quarenta ou cem, todos o chamam ao mesmo tempo. O boi olha espantado, foge, corre. As vezes na carreira apanha um homem e atira-o ao ar. É a sorte. Toca a musica. E todos applaudem, gritam. No sol que dardeja raios d'oiro que sobem á cabeça e embebedam, vai uma alegria immensa! Sai outro boi, continúa a festa, sempre assim, sempre com novas peripecias e a alegria sempre a mesma!

O verão está-nos á porta. Dentro em pouco todas essas searas, por ora tão verdes, vão amarellecendo, ondular á brisa de maio e na grande chapa d'oiro a alastrar-se opulenta pelas encostas da charneca onde voam os perdigotos, nas clareiras dos azinhaes, hão de baloiçar-se como robins as papoilas vermelhas. Os pastores indifferentes com as mãos cruzadas sobre os cajados em forma de baculos, o queixo sobre as mãos, olharão descer o sol esplendido nas nuvens iriadas e contarão as horas vendo a Barca a girar em volta da Tramontana, na grande paz, na grande quietação da noite cheia de cantos, opulenta de perfumes.

É uma região linda esta que se estende d'aqui até ás praias do Algarve, mais severa no Alemtejo, mais risonha desde que, transposta a serra, começam a avistar-se os figueiraes alinhados, as amendoeiras, as alfarrobeiras, que são a grande riqueza d'uma provincia meridional, transformada pelo esforço d'uma raça activa n'um delicioso jardim.

Merecem bem uma visita todas estas villas e aldeias. Um perigo apenas: é que as estraguem. Que o que ellas teem de melhor é a gente... que não se encontra.

João da Camara.

A Covilhã e a Industria dos Lanificios

I

Nas abas da serra da Estrella, em um monte ladeado pelas ribeiras da Carpinteira ou da Fabrica, provindo-lhe esta ultima denominação da existencia alli da antiga fabrica real, e a ribeira Degoldra, está situada a laboriosa povoação da Covilhã, importantissimo centro industrial do nosso paiz, que pela sua riqueza fabril foi elevada á categoria de cidade, em 20 de outubro de 1870, e, em março de 1891, foi decretada concelho autonómico.

Primitivamente, a antiquissima povoação foi estabelecida na encosta, junto aos pomares que denominam ladeira de Martim Cello, e no seu desenvolvimento foi trepando pela montanha, do que resulta um aspecto deveras pittoresco para a vista geral.

Não se conhece a data da fundação de esta villa, porém, a tradição fixa-a em 690, anno em que o conde D. Julião a estabeleceu, tendo ahi nascido sua filha Florinda, a jove de rara formosura por quem se apaixonara o ultimo rei dos godos, D. Rodrigo.

Não offerece duvida, que durante as guerras que assolaram a peninsula, depois de essa epoca, a Covilhã cahiu em absoluta ruina.

Á CERCA DO PRIMEIRO MARQUEZ DE NIZA

(Continuado do n.º 658)

Foram os livros, nem podiam deixar de ser, uma das suas maiores predilecções, e por conseguinte pôz em adquirir-lhe os constante e fervorosa diligencia. Mas ninguem de certo imaginará que um tal colleccionador e amigo das letras os juntasse unicamente pelo prazer de os armazenar, sem outra utilidade mais do que vel-os e admirar-os, isto é, que fosse um bibliomano; pelo contrario, aproveitava-os, e até queria que os aproveitassem os amigos e conhecidos, e o publico, um publico naturalmente muito selecto, porque tinha em vista estabelecer com elles, em Lisboa, uma bibliotheca. Assim o communicava a D. Vicente Nogueira, o illustre bibliographo morador então em Roma, a 13 de Junho de 1647, de Amiens¹; e pouco depois, em 27 de Setembro, pedia-lhe de Pariz que lhe enviase o tratado que composera em Madrid sobre o modo por que se havia de formar uma livraria². Essa bibliotheca chegou a abrir se, recolhido o marquez definitivamente ao reino, pois n'uma carta da sua correspondencia queixa-se de que a frequentavam pouco. Em Portugal não continuou nos seus esforços, já comprando livros, já mandando trasladar manuscritos. Em 29 de Junho de 1649 escrevia de Lisboa ao mesmo: «Os meus livros tenho já armados, mas não na parte, onde de todo não deo ficar; e agora lhes ando fazendo a lista, de que mandarei a vossa mercê copia... tenho achado até hoje dois mil cento e sessenta corpos, mas os mais escolhidos que ha hi no logar; chegando o resto dos de vossa mercê, acabaremos de aperfeiçoar a livraria; e os que himos topando dobrados vou vendendo ao meu primo Ruy Lourenço de Tavora... depois que cheguei tenho continuamente tres homens a copiar-me papeis de mão, porque me empresta D. Antonio da Cunha³ todos os que foram de seu tio D. Rodrigo. Este moço D. Antonio é muito bem entendido; sabe muito bem italiano e é muito gentil poeta.⁴ E em 12 de Setembro do mesmo anno: «... e me acabaram (os homens que trazia a copiar manuscritos) dois livros de cavallarias de D. Gonçalo Coutinho; e eu tinha já o primeiro; e, sendo muito bons, não chegam aos de minha mãe⁵.»

Estes escriptos de D. Gonçalo Coutinho, o afamado amigo de Camões, o que lhe collocou uma campã e inscripção na despresada e quasi esquecida sepultura, deviam ser a *Historia de Palmeirim d'Inglaterra e de D. Duardos*, que Barbosa Machado cita como continuação da de Francisco de Moraes e existente na livraria de João de Saldanha, fiando-se na memoria manuscrita, para a *Bibliotheca Lusitana*, do padre Francisco da Cruz. Na *Terceira e quarta parte* da dita historia, por Diogo Fernandes, não ha vestigios de tal obra. Havel-os-ha na *Quinta e sexta* de Balthazar Gonçalves Lobato? A sua raridade impede-nos averiguar o. Quanto aos livros da mãe do embaixador, D. Leonor Coutinho, devem ser a *Cavallaria de D. Belindo*, que D. Antonio Caetano de Sousa na sua *Historia genealogica*, tomo X, pag. 565, e Barbosa Machado, fundando-se n'elle, dizem se conservava manuscrita em diversas copias com grande estimação pelo seu estylo e engenhosa arte, e de que faz menção o *Theatro heroico*, tomo II, pag. 281, com o erro de chamar Maria a D. Leonor. Esta obra julga ser Innocencio a mesma de que lhe communicou o sr. Garcia Peres guardar-se uma copia em Setubal na mão de um particular. Não podemos annuir a semelhante parecer, porque a de D. Leonor trata só de D. Belindo, ou principalmente de D. Belindo; pelo menos assim o indica o titulo; emquanto que a outra, de que no Archivo Nacional ha tambem uma copia igual na designação á de Setubal, se occupa do imperador Belindro sobretudo, embora igualmente, posto em segundo logar, o faça dos principes Bellifloro e D. Belindo⁶. A nosso ver, são dois escriptos differentes, e o de D. Leonor talvez continuação ou desenvolvimento de uma parte d'aquelle. Em todo o caso tem valor as palavras do filho da auctora por corroborarem as asserções de Barbosa Machado e os resquícios de tamanha

raridade litteraria. Outro tanto dizemos, e com mais razão, do livro de cavallarias que attribuem a D. Gonçalo Coutinho.

O marquez de Niza, porém, não se limitava a encomendar livros a D. Vicente Nogueira; enviava-lh'os tambem, correspondendo assim aos serviços que recebia d'elle, como depreendemos da sua carta de 20 de Abril de 1650, de Lisboa, em que diz: «Agora vão quatro decadas: tres de Couto e a de João Baptista (a quarta de João de Barros, reformada e accrescentada por João Baptista Lavanha) todas em seis mil réis; e não são caras, por se não acharem. Vae mais o seu *Theatrum vitae humanae*, que já estava na Trindade para se comprar⁷.»

Quanto a objectos de bellas artes, que adquiriu ou pretendeu adquirir, ha varios testemunhos na correspondencia de Fernando Brandão, morador em Roma e ahi em tempo agente de Portugal, que passamos a aproveitar. Pela carta d'este, de 22 de Janeiro de 1644 vemos que lhe mandou uma copia dos famosos quadros de Raphael A *Transfiguração* e *A Batalha de Attila*, tendo aquelle singular merecimento, ambos grandes, e tres menores que não especifica⁸. O primeiro d'estes quadros talvez seja o que o sr. Teixeira de Aragão chama da Ascensão, e diz ter sido dada do marquez e conservar-se ainda n'uma das paredes lateraes da capella-mór da igreja do Carmo da Vidigueira, medindo o panno, fóra a moldura, vinte e dois palmos de comprido e dezeseis de largo⁹. Em 15 de Setembro de 1646, escrevia de Lisboa o conde da Vidigueira a Pero Mendes de Sampaio recommendando-lhe que partisse e trouxesse consigo o quadro dos apóstolos e as estatuas, que lhe faziam muita falta; e accrescentava: «Para os quadros e estatuas lá tem vossa mercê os anneis; e estou com grandes desejos que acabem de chegar, por me serem mui necessarios para o ornato da galeria¹⁰.» De outra carta a Fernando Brandão parece concluir se que fóra este quem comprara aquelles objectos. Junto á carta de Fernando Brandão de 29 de Junho de 1648 encontra-se a seguinte relação de quadros para o então já marquez de Niza:

«3 Madonne con cornice dorata et intagliata;
«1 Madalena con testa di morto con cornice dorata;

«2 S. Franceschi con cornice dorata;

«4 Paesi tirati nel Teloro;

«10 Pezzi di quadri in tela accuolti, cioè: Christo alla colonna; Cleopatra; Santa Maria Madalena; una scimia che cerca la testa ad un ragazzo; S. Tommaso d'Aquino; S. Pietro; S. Lorenzo; Giuditta; una musica; un gioco di carte¹¹.»

Junto á carta do mesmo de 21 de Setembro de 1648 está uma conta de varias despezas e estas entre as suas verbas:

«Per spese e nelle quattro casse di statue di Seneca e loro spedizione — 18 — 50;

«Per le due teste di Seneca e di Diogene, con li suoi busti d'Africano — 100;

«Per la statua della Venere antica restaurata — 35;

«Per la testa dell'Adriano antica — 40¹².»

Um dos maiores, senão o maior empenho do marquez de Niza era porém levantar uma estatua ao seu tresavô, D. Vasco da Gama, e para esse fim recorreu ainda a Fernando Brandão. Em 29 de Abril de 1647, approvava este o intento e aconselhava-o a que a fizesse de marmore fino, pois d'elle é que eram as melhores, tanto antigas como modernas, e que tivesse dez palmos de altura, medida além do natural e a mais usada. No tocante ao custo, precisava saber-se primeiro qual o seu vestuario, qual a posição e quaes a inscripção e os ornatos que devia levar no pedestal; por isso pedia que lhe enviasse um desenho d'ella, do modo que a desejava, porque o faria executar por pessoa competente; no que teria particular gosto, porque desde a juventude, lendo as accções heroicas de tamanho varão, muito se lhe affeioara¹³.

Entretanto a 30 de Agosto o marquez de Niza enviava a Fernando Brandão o desenho com as indicações de que seu tresavô era grande de corpo e tinha o rosto cheio e a barba larga e bastante comprida; que havia de estar armado, vestido de roupas largas, de mangas abertas, como governador, com bastão na mão e gorra na cabeça. ¹⁴ Ia tambem com a carta esta inscripção:

Foi D. Sancho I quem a mandou reedificar e povoar, dando-lhe carta de foral em 1186, e concedendo-lhe varios privilegios e isenções.

Entre esses privilegios, destacavam-se os de que os cavalleiros da Covilhã gozassem a proeminencia de infanções, e que qualquer escravo alli morador, por mais de um anno, ficasse livre, e seus descendentes habilitados para todos os empregos e honrarias. Era considerada realenga, isto é, da coroa, e os seus habitantes não pagavam portagem.

Em 1199, D. Sancho I doou a Covilhã a Raymundo Paes, como recompensa aos seus grandes e excellentes serviços prestados ao paiz.

Em 1209, foi tomada e saqueada pelos mouros, mas D. Sancho I accudindo-lhe logo, conseguiu libertal-a e reedificou-a em 1210, attribuindo-se-lhe a construcção do castello que ainda se vê na cidade alta.

Os privilegios concedidos foram sempre conservados, e D. Affonso II, em outubro de 1217, dando-lhe outro foral, em Coimbra, ainda os ampliou.

Em 1253, D. Affonso III, por provisão de 2 de dezembro de esse mesmo anno, mostra a importancia de que a Covilhã já gozava, declarando-a uma das principaes povoações da Beira, e como tal considerada pelos seus antecessores.

Cerca de 1300, D. Diniz fortificou a e levantou as muralhas cujas portas eram as de Valle-de-Carvalho, Sol e S. Vicente, hoje em ruinas.

Mais tarde, o senhorio da Covilhã, como terra realenga que era, pertenceu ao celebre infante D. Henrique.

D. Manuel, na sua provisão de 21 de fevereiro de 1498, classifica-a de *principal no centro das outras villas do reino*, e no foral novo que lhe concedeu em Santarem, a 1 de junho de 1510, conservou-lhe todos os seus antigos privilegios.

D. Sebastião, por provisão de 6 de julho de 1570, dizia que a Covilhã prestara sempre grandes serviços á corôa, pelo que lhe conferia o titulo de *notavel*.

Tinha voto em côrtes, com assento no quarto banco.

*
* *

Hoje, a Covilhã divide-se em duas partes: dentro de muros e fora de muros, correspondendo á antiga villa e moderna cidade, sendo a primeira circumscripção ás muralhas do reinado de D. Diniz.

Actualmente, tem quatro freguezias, que são Santa Maria Maior, S. Pedro, S. Martinho e Conceição.

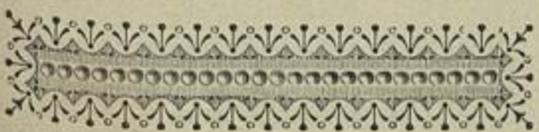
Segundo censos que temos presentes, a população da Covilhã era, em 1757, de 981 fogos e 4:000 habitantes; em 1878, 2:425 fogos e 10.985 habitantes; em 1890, de 17:562 habitantes.

Os seus arredores são em extremo fertes, abundando os cereaes, as fructas, o vinho, a caça, as castanhas e magnificas pastagens.

As ribeiras da Carpinteira e da Degoldra que correm ao norte e ao sul da cidade, podem considerar se, desde a sua origem até ao ponto em que entram no encantador Valle do Zezere, como duas importantissimas povoações industriaes, onde se empregam milhares de operarios de ambos sexos.

(Continúa).

Esteves Pereira.



AS NOSSAS GRAVURAS

PINHÃO

É da formosa edição o *Douro* illustrado, dada á estampa pelos srs. Magalhães & Moniz que extrahimos a vista d'esta aldeiasinha situada nas margens do affluente do Douro, o Pinhão, edificada n'uma verdejante encosta, pittoresca, com as suas casinhas brancas a alvejarem por entre a verdura.

É região vinhateira e é da industria vinicola que vive, sendo os seus vinhos de superior qualidade.

Pinhão é um dos pontos de embarque dos vinhos do Douro.

Pertence á freguezia de Casal de Loivos.

¹ Bib. Nac., Mss., I, 2, 7, fol. 88, e 122.

² Id., id., id. fol. 160.

³ D. Antonio Alvares da Cunha, o conhecido genealogista e poeta, o que reunia em sua casa a Academia dos Generosos.

⁴ Bib. Nac., Mss., F. 4, 5.

⁵ Id., id., id.

⁶ É o titulo da copia do Archivo: *Chronica do imperador Belindro, em que se dá conta dos valerosos acontecimentos dos principes Bellifloro e Dom Belindo e de outros muitos cavalleiros.* 4 vol.

⁷ Rib. Nac., Mss. F. 4, 5. Não achamos n'outra parte que Lousada seja auctor d'esta obra.

⁸ Id., id., O. 5, 19.

⁹ D. Vasco da Gama e a villa da Vidigueira. Lisboa 1871.

¹⁰ Rib. Nac., Mss., F. 4, 5.

¹¹ Bib. Nac., Mss. O. 5, 19.

¹² Id., id., id.

¹³ Id., id., id.

¹⁴ Id., id., 1, 2, 7, fol. 140.



UMA VISTA DA COVILHÃ

(Cópia de uma photographia do sr. Peres)

D. Vascus à Gama Indicæ expeditionis Dux; aperti Orientis gloria inclytus; Indiarum archithalassus; Vidigueriæ Comes Primus; Orientis Prorex Secundus; Incomparabilis virtutis et felicitatis Heros.

A empresa seria: Um sol em um berço nadando em ondas do mar; sobre elle uma aguia olhando-o de cima; e a letra: Subjectum aspicio. Esta podia ser orlada em logar de quartões com duas ancoras e alguns instrumentos¹.

A 30 de Setembro escrevia Fernando Brandão ao marquez:

A letra e a inscripção talvez fossem compostas por Fr. Francisco de Santo Agostinho de Macedo, que então estava com o marquez na corte de França, pois não nos parece natural que, tendo-o em casa, e sendo elle tão bom latinista, procurasse outrem para fazel-as. Isto porém não passa d'uma simples conjectura.

«Non ricevendo in questa settimana lettere di

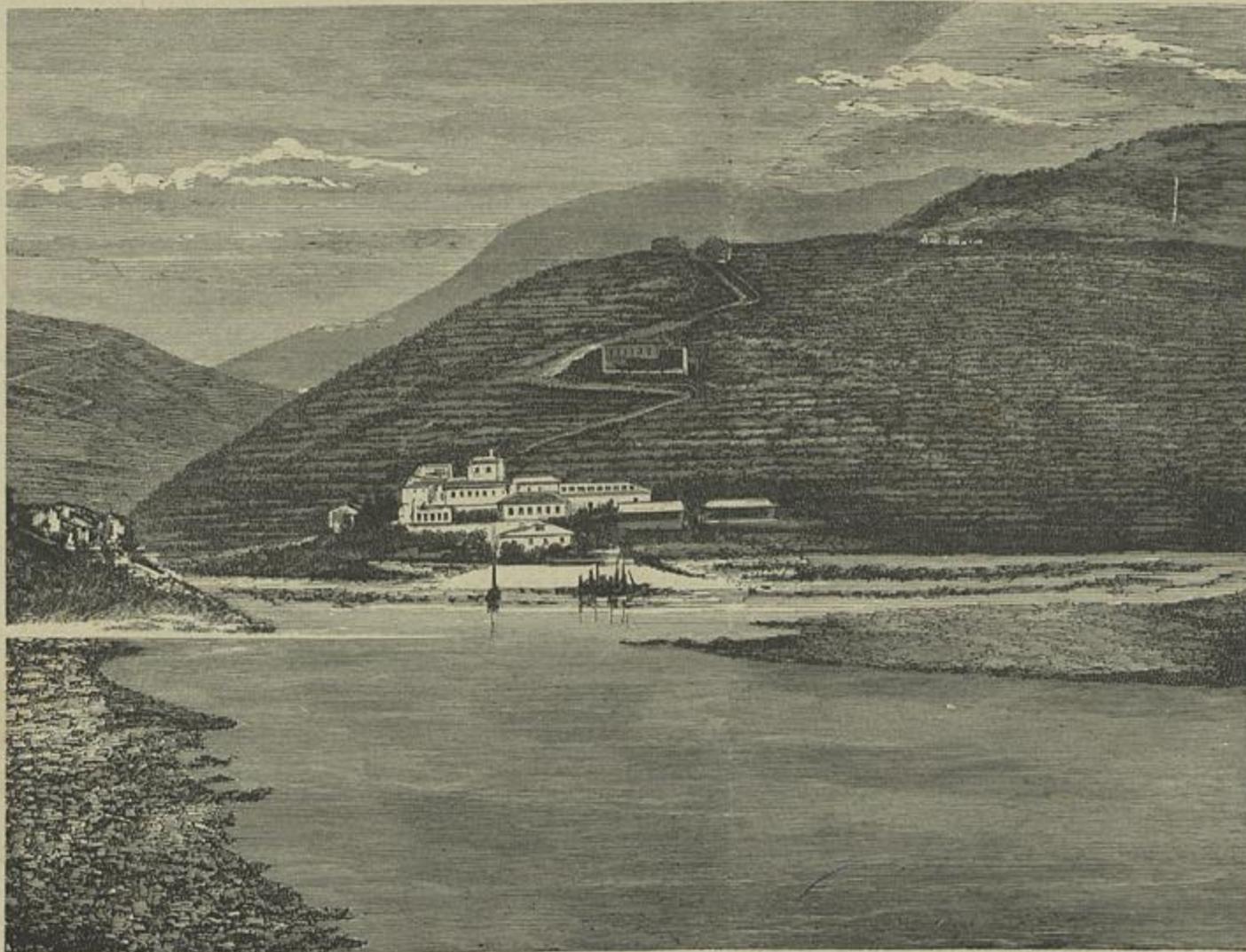
denti che debba esser la statua senza il piedestallo di undeci in dodeci palmi romani, perchè si usano queste statue d'eroi maggiori del naturale per farle à similitudine di colossi antichi; e già che si fa la spesa, stimo bene di farla con ogni magnificenza, supposto che si fanno per l'eternità. L'inscrizione, che vostra eccellenza mi ha mandata non mi sodisfà; e perchè il piedestallo è cosa separata dalla statua, ci sarà tempo di consultarla, et io ne farò fare qualcheduna, che potrà vostra eccellenza vedere e sciegliere quella gli parerà; et in quella mi parerebbe si potesse far qualche commemoratione di vostra eccellenza, però la supplicho mi avvisi precisamente il grado del parentado suo per farle, come solevano li romani antichi, che sono bellissimi, che è quanto mi occorre didire...¹

A 23 de Novembro Fernando Brandão participou ao marquez que ia tratar da execução do desenho da estatua, conforme as suas indicações, para lh'o remetter. N'outra carta anterior, de 18

tresavó, o descobridor da India, empenhava-se em levantar outro monumento maior e mais duradouro ao divino poeta que os immortalizou, immortalizando-se, em fazer traduzir *Os Lusíadas* em versos latinos. O ensejo não podia ser mais propicio, porque tinha mesmo perto de si quem fosse capaz de executar-o com perfeição, e portuguez, Frei Francisco de Santo Agostinho de Macedo, de que já falámos, o qual, depois de fugir da casa dos jesuitas, onde estava preso em Lisboa, e de embarcar escondido para França, com os embaixadores o Monteiro Mór e Antonio Coelho de Carvalho, e de lhes assistir, trocára o habito da Companhia pelo de frade de Santo Antonio dos Capuchos e servira em Roma na embaixada do bispo de Lamego, voltando a França com o marquez em 1647. Parece que foi então que nasceu ou pelo menos começou a realizar-se o projecto.

(Continúa.)

Ramos-Coelho.



UMA VISTA DE PINHÃO

(Copia de uma gravura do *Douro Illustrado*, edição dos srs. Magalhães & Moniz)

vostra eccellenza, non ho che dire, solo che accompagnare l'accluso disegno, fatto non per mostrar come sarà la statua, perchè quella sarà de attitudine e di disegno senza comparatione megliore, ma solamente perchè veda se l'habbito ha da re, in questa forma, perchè havendo da esser armato e con sopraveste di maniche aperte, secondo il seculo, nel qual visse, per la notizia che quà habbiamo, e secondo che si usa, va l'habbito in questa maniera, restando in arbitrio di vostra eccellenza di dire il suo senso et il suo gusto, tanto del habbito, quanto della armatura, et dell'attitudine; che in quanto alla similitudine del viso, non havendo vostra eccellenza cosa certa, si procurará quà al meglio che sia possibile farlo riuscire, secondo la sua relatione. La gorra che vostra eccellenza dice nella sua deve essere in una di queste tre maniere; ² la moderna non pare a proposito; l'antica è la migliore. Si giudica da questi inten-

do dito mez, era de opinião que ella custaria setecentos escudos da moeda de Roma.

Veu a fazer-se esta estatua? Ignoramol-o. Destinar-se-hia porventura para os jardins do palacio do marquez em Lisboa, porque então nem a reis se usava levantal as em logar publico, quanto mais a particulares. Não obstante, ao proprio D. Vasco da Gama, foi erigida uma no arco da praça dos Vice-Reis em Gôa, por seu bisneto D. Francisco da Gama, pae do marquez; mas era ornamental, como a do infante D. Henrique no portal de Belem, e não sobre si, conforme parece que devia ser a de que nos occupamos. Se se fez, se foi ali posta, destruil-a-hia o grande terremoto de 1755, que reduziu a ruinas o famoso solar da nobre familia, situado, como todos sabem, a S. Roque.

Ao mesmo tempo que o marquez de Niza tratava de pagar por este modo a grande divida nacional, ainda hoje infelizmente em aberto, ao seu

A ORDEM DA TZARINA

ANECDOTA HISTORICA POR FR. MEISTER

O banqueiro Sunderland foi, sem duvida alguma, personagem das mais ricas e consideradas, em S. Petersburgo, durante o reinado de Catharina II.

A propria tzarina não duvidou, por vezes e em casos assaz difficeis e melindrosos, appellar para os seus conselhos, como tambem não hesitou em confiar-lhe altos segredos do Estado, e elle, portanto, suppunha ter razões de sobejo para acreditar que era um dos burguezes mais importantes da capital da Santa Russia.

Em tão fagueira disposição de espirito repousava elle uma noite nos braços de Morpheu, emballado por deliciosos sonhos de mil honras e distincções futuras, eis senão quando, ao romper da alvorada, vem, de subito, despertal-o de tão doce somno o seu creado particular, rapaz de origem moscovita.

— Paesinho, paesinho! levanta-te depressa, põe-te a pé bradava o russo em tom afflicto. — A casa

¹ Id., id., O, 5, 19.

² Referencia aos desenhos que estão junto ao documento e que aqui se reproduzem.

¹ Bib. Nac., Mss., O, 5, 19. Guardou-se toda a fidelidade n'esta e nas outras transcripções.

está cercada de tropa; os soldados não deixam entrar nem sair seja quem for, e o chefe da policia diz que precisa falar contigo, immediatamente!

— Quem? O chefe da policia? Precisa falar comigo? — perguntou Suderland no auge do espanto, e erguendo-se a toda a pressa, lá se vestiu conforme ponde. — Que me querera elle?

— Não sei dizer, paesinho, respondeu o creado. — Mas o chefe da policia está com uma cara de meter medo; e é por força caso muito serio, que elle a ti, e só a ti póde confiar.

— Pois então, manda-o entrar.

Suderland envergára á pressa um roupão, e aguardou tão matutina quanto inesperada visita, que apenas lhe inspirava espanto e curiosidade. E comtudo, lá no seu intimo começava a apontar um vago sentimento de inquietação.

Saiu o creado e, d'ali a nada, entrava na recamara o bom Strolloff, chefe da policia. A physionomia do alto funcionario assaz denunciava que a missão que vinha cumprir era de caracter absolutamente extraordinario.

Suderland recebeu-o com a tranquillidade urbana de cortezã a que era azevado e convidou-o a sentar-se ao pé d'elle, no divan.

O intendente policial não correspondeu, porem, a tanta cortezia; manteve-se a certa distancia do banqueiro, e, com voz tremula e alterada pela commoção, prorrompeu em tom quasi lacrimoso:

— Suderland, caro Suderland, meu velho amigo, não me queira mal, mas não posso proceder d'outro modo. Humilde servo de Sua Imperial Magestade, a nossa tão magnanima tzarina, que Deus conserve por muitos annos e bons, cumpre-me obedecer-lhe em tudo e por tudo, embora com o coração retalhado por viva dôr. Foi-me transmittida uma ordem, cujo motivo não posso perceber, mas que seguramente deve ter sido provocada por gravissimo delicto.

— Assusta-me, excellentissimo! — exclamou o banqueiro. — Referiu-se a um gravissimo delicto. — E quem será então o delinquente?

— Valha nos Deus, presado amigo, quem hade ser, senão o senhor? Visto que é sobre a sua pessoa que recae o castigo?

— Juro-lhe por tudo quanto ha de mais sagrado, excellentissimo, que nem por sombras me accusa a consciencia a mais leve suspeita de crime ou delicto — exclamou o banqueiro, no auge da afflicção. — Tenho-me por um dos mais fieis e dedicados subditos de Sua Magestade, pois não ignora v. ex.^a que me naturalizei russo.

— Sei, sei, por seu mal! E é exactamente o facto de estar naturalizado, que torna tão terrível o seu caso. Se porventura o não estivesse, poderia reclamar a intervenção do seu embaixador, e d'esse modo evitar o castigo tremendo, que eu, com tão profunda magua, sou obrigado a iullingir-lhe.

Mas, em nome de Deus que nos ouve, excellentissimo, qual é a sentença que, por ordem superior, se vê obrigado a cumprir na minha pessoa?

— Presadissimo amigo — oh! não! não posso, pronunciar-a! A palavra afôga-me a garganta!

— Cahiria eu, por meu mal, no desagrado de Sua Magestade?

— Ah! que se fosse só isso!

— Serei desterrado do imperio?

— Tambem não, meu pobre amigo; que, ainda assim, isso seria para o senhor uma fortuna!

— Assusta-me horrivelmente, Excellentissimo! Mandar-me-hão, acaso, para a Sibéria?

— Para a Sibéria? — Oh! a Sibéria já ha muito tempo que não é o que dizem; sem razão a têm pintado com côres demasiado carregadas, ha quem tenha conseguido regressar de lá.

— Encerrar-me-hão em algum carcere?

— Tambem não é um perigo por ahí além. Os prêsos podem ainda recuperar a liberdade.

— Por piedade — Excellentissimo! exclamou Suderland no auge da angustia — «Fui acaso condemnado ao Knut?»

— O Knut é terrível, não ha duvida, — mas ao Knut, resiste-se.

O banqueiro, quasi exanime, deixou-se cahir sobre o divan.

— Mas por quem é, explique-se, balbuciu — Sentenciaram-me á morte!

— Sim, á morte, desventuradissimo! — proferiu, com voz soturna e abafada... «Mas que morte!»

— Que morte!? — «Pois não bastará acaso, que me assassinem atrozmente, sem culpa formada, sem processo? — Catharina ordenou, e...»

— Infelizmente, assim é, ella ordenou.

— Mas por tudo quanto há, homem, falle, diga!... O que foi que ella ordenou? — Tem-me na conta de covarde? — Explique-se, por uma vez!

O chefe da policia enxugava o suor da testa.

— Eu... sim — eu... a tzarina — guaguejou o funcionario. — «Se o não tivesse ouvido dos sagrados labios de sua Magestade Imperial, — juro-lhe pela minha honra, que jámais accreditaria na possibilidade de semelhante ordem!»

— As suas delongas são coisas mil vezes peiores que a peor das mortes, homem de Deus! — O que foi, afinal, que lhe ordenou a tzarina?

— Ordenou-me... que o mandasse esfolar!

O pobre do banqueiro soltou um brado de horror e afflicção.

— Excellentissimo — Nobre chefe da policia! murmurou, offegante. — Mas isso é barbaro! — E' monstruosidade sem precedentes! — Há por força, equívoco da sua parte, a não ser que Vossa Excellencia tenha perdido a razão!

— Não perdi não, meu pobre amigo! Estou em meu juizo perfeito — perdê-lo-hei, porém, com certeza, durante tão horrorosa operação!

— Mas como ponde o senhor, que tão irrecusaveis provas da sua amizade me tem dado; o senhor a quem eu tenho prestado serviços, deixam assim dizer, relevantes — e ousar crer que ainda não esquecidos — como ponde, repito, encarregar-se da execução de semelhante ordem, sem tentar, ao menos, chamar a attenção de sua Imperial Magestade para o horror, a atrocidade de tão tyrannica e arbitraria, quanto infundada brutalidade!?

— Meu desventurado amigo, creia que fiz tudo quanto estava em meu poder; sim, acredite que ousei dizer em seu favor, aquillo que ninguém, decerto, seria capaz de dizer. Implorei de Sua Magestade que lhe commutasse a sentença, ou pelo menos, que houvesse por bem dispensar-me de pôr em execução plano tão infernal; pedi, roguei, com os olhos arrazados de agua — tempo perdido! Sua Magestade, com aquelle tom de voz que o amigo lhe conhece tão bem, respondeu:

— Faça o que lhe mando, e não lhe esqueça, que lhe incumbe o dever de cumprir toda e qualquer ordem minha sem murmurar, — seja qual for o theór d'essa ordem.

— E... o meu amigo, em seguida, o que fez?

— Em seguida, e sem mais demora, fui d'ali ter com um reputado e pacientissimo preparador de historia natural, que é quem costuma esfolar os animaes que figuram nas collecções da Academia. Bem vê que não tinha outro caminho a seguir, e d'ahi, a consideração que devo ao meu amigo, ordenava-me que o lizesse esfolar segundo o methodo de mais reconhecida perfeição.

— E esse miseravel, promptificou-se a semelhante coisa?

— Recommendou-me a um collega, que é quem esfolo os macacos, por isso que dedicou o seu saber ao estudo especial da analogia existente entre as raças bimanas e quadrumanas.

— E... d'ahi?

— E d'ahi... lá ficou á sua espera.

— A minha espera? — Deus todo poderoso!

Tão imminente é a sentença?!

— Infelizmente! Não nos é dado perder um momento só que seja. A ordem de S. M. Imperial não consente hesitações.

— Então, nem ao menos-me concedem o tempo indispensavel para dispôr as coisas de minha casa; para pôr em ordem os meus negocios terrestres?

— Isto é impossivel! Inacreditavel! E duro, é, mas que remedio! Tem de ser!

— Ao menos, sempre me concederá uns minutos, afim de que eu escreva uma carta á tzarina?

— Não me atrevo, caro amigo. Não posso nem devo consentir. As minhas instrucções são prementorias!

— Excellentissimo! — Strokoff! — meu velho amigo! É o meu ultimo pedido! É uma mercê, que nem ao maior faccinora se recusa. — Seja humano, Strokoff!

— Arriscaria a minha posição.

— Mas lembre-se de que se trata da minha vida!

— Pois bem, escreva; consinto que o faça. Entretanto, declaro-lhe que, terminada a carta, nem um instante só lhe posso conceder.

— Obrigado, excellentissimo, obrigado! E queira chamar qualquer dos seus empregados, ou a quem melhor lhe pareça que eu possa confiar a entrega da mesma carta.

Suderland com mão tremula escreveu á pressa algumas linhas, e o chefe da policia encarregou um tenente que commandava a escolta de a ir levar, e de voltar com a resposta.

Decorrido um quarto de hora, regressava o official. Sua Magestade mandava comparecer á sua presença o banqueiro. O angustiado capitalista, respirou!

Esperava-o á porta um côche. Suderland subiu para o vehiculo, e o tenente sentou-se ao lado d'elle. Em breve espaço de tempo, chegaram aos

paços imperiaes; o condemnado foi levado á presença da tzarina, a qual assim que poz os olhos no pobre Suderland, prorrompeu em verdadeira convulsão de riso.

Suderland, estava atonito, varado de todo. Dar-se-hia o caso de ter a tzarina perdido o juizo? Em breve, porém, mudou de opinião.

— Piedade! graciosa tzarina! bradou, prostrando-se-lhe aos pés — Piedade! Qual foi o crime em que incorri, por meus peccados, e que levou Vossa Imperial Magestade a pronunciar contra mim tão dura sentença?

— Meu pobre Suderland — retorquiu a excelsa senhora, sem se poder ainda ter com riso — o caso não se entende contigo!

— Não se entende commigo! ? Santo Deus! Magestade! mas com quem se entenderá então?

— Ora, com quem? — com o pobre Suderland, com aquelle cãosito, lembas-te? que em tempos m'offereceste, e ao qual puz o teu nome; o mal aventurado bicho comeu de mais, creio eu, e, hontem, á noite, morreu de indigestão. Tive muita pena, gostava muito d'elle, e com o sentido de conservar a pelle, sequer ao menos, para memoria, mandei chamar o pateta do Strokoff, por ser a pessoa que estava mais á mão. — Strokoff, lhe disse eu, fica a teu cuidado que mandem, quanto antes e sem perda de tempo, esfolar o Suderland. Olhou para mim, espantado, a tremer e com uma cara de palmo, e eu imaginei que o homem se envergonhára do encargo que lhe dera; não fiquei lá muito satisfeita com elle, conforme deves suppor, repeti-lhe a ordem com mais intimativa — e ora ahí está. Com que então, esse pedaço d'asno foi a correr acordar-te, e queria-te... A tzarina, perdida de riso, nem ponde continuar.

— Vossa Imperial Magestade pode ufanar-se de ter em Strokoff um servo obediente e fiel — acrescentou o banqueiro — Ousarei, porém, ponderar á minha imperial senhora que talvez, em casos futuros, não seria de todo mau, que se dignasse transmittir-lhe as suas sabias ordens, formuladas com mais alguma clareza.

Estava salvo o banqueiro, o gentil quadrupede seu canino homonymo, porém, d'ali a dias, figurava embalsamado debaixo d'uma redoma de vidro, ricamente adornada.

Pin-Sel.

ALCACER-QUIBIR ¹

Agora tudo nos arrasta para a Africa.

No Oriente, apesar dos esforços de Athaide e do valor dos soldados portuguezes que em Gôa, cercada por Idalcão, pela calada da noite descem das muralhas e vão correr o campo inimigo; o nosso imperio começa a cambalear e a esboroar-se, e mostra que é inevitavel o esphacelamento.

Athaide ainda consegue adiar-lhe a queda e, com as diminutas forças de que dispõe, afastar o maior perigo que correu o nosso imperio industrial com a confederação de todos os principes da India, os quaes, durante quatro annos, conseguem reunir todos os recursos para, com um esforço supremo, caírem de repente sobre nós, atacando-nos por todos os lados a um tempo.

O Samori ataca Mangalor, Cochim e Cananor; o rei de Cambaya vae sobre Chaul, Damão e Baçaim; o rei de Achem cerca Malaca, e o de Tirnate invade as Molucas, enquanto em Surate são feitos prisioneiros todos os portuguezes.

Athaide, desenvolvendo grande actividade, com os poucos recursos que tem, acode a toda a parte, consegue salvar os nossos dominios e ainda ousa despachar regularmente as naus para o reino!

Se não rareia o valor, rareia o soldado, que começa a descoroçoar da viagem á India. Se o inimigo está aqui ao pé da porta, para que ir buscar-o tão distante!

Ao longe ouve-se o marulhar das ondas cortadas pelas quilhas dos galeões da Hollanda, que descem a costa caminho da India á procura do hespanhol, e na esteira d'elles, beijando-lhes a pôpa, os navios da Inglaterra e de el rei de França — cafila que se despenha para as Indias pelo caminho por nós aberto, afim de tomar parte no regabofe dos nossos despojos, colhendo o fructo sem trabalho; ainda que, com as suas, fazendo esquecer as nossas crueldades no Oriente.

Na Africa, a victoria ainda fresca de Mazagão restitue-nos o antigo prestigio do nosso nome.

Portugal, no fim de duzentos annos, não póde agora metter a espada na bainha. E o rei, intelligente, novo e valente até á temeridade, sentindo

¹ Do livro *Desenvolvimento e Expansão da Monarchia Portuguesa*, por Julio Ferreira Girão.

em si o sangue de tantos heroes, não pensa n'outra coisa que não seja reatar o antigo plano da conquista da Africa.

Aqui saem se os portuguezes victoriosos na deza de Mazagão, essa Diu da Mauritania, contra a qual vêm debalde arrojarem todas as forças do Moghareb, preparadas pelo xerife durante quatro annos, que caiu de repente sobre a praça, julgando-a de facil presa por estar desguarnecida e os mares fechados por causa do inverno impedir os soccorros do reino.

Mandou o xerife prégar gazua e toda a Mauritania caiu sobre Mazagão.

Mal chegou ao reino noticia da triste situação da praça, foi um levantamento geral para lhe ir em auxilio; foi um continuo despejar de gente para alli.

Voltava-se aos felizes tempos de Ceuta e do Africano, e renascia de novo o desejo de passar á Africa — essa terra tão regada do sangue portuguez e que em nós tanta attracção exerce.

Os soldados de Mazagão, que se encontravam em Lisboa para fechar as feridas alli recebidas, foram os primeiros a partir. Os navios, que tocavam nos portos do Algarve, eram assaltados. Muitos particulares armam-se á sua custa e para lá partem. Ricos e pobres, tudo acudia; os pescadores de Tavira, Faro e Lagos, á custa do cofre da confraria, armem uma fusta e seguem para Mazagão.

Em Lisboa os filhos fogem para embarcar clandestinamente sem consentimento paterno. Esta cidade manda mil homens que se offereceram «com muito alvoroço e contentamento, dizendo que deixariam suas casas e officios, mulheres e filhos para irem pelear contra os mouros.» (GAVY DE MENDONÇA).

Contra os peitos de gente, de tão bom grado partida, veio embotar-se inutilmente o poder do xerife, tendo afinal de abandonar vergonhosamente a empreza que tão facil julgou levar a cabo.

As gentilezas alli praticadas são incontaveis, desde o mais nobre cavalleiro até ao pobre negro Pero Antonio, a quem durante algum tempo foi confiada a guarda da bandeira, o qual se bateu como um doido, espadeirando tudo o que se lhe aproximava e clamando aos mouros «Perros vis, viva el-rei D. Sebastião!» (MENDONÇA).

El-rei não quer desmerecer dos principes de Aviz; pelo contrario, pensa em colher novos louros para adornar tão illustre brazão.

Ouvindo contar os feitos da India e da Africa, treme de entusiasmo e mais se lhe accende na alma o desejo de passar á Africa e realisar os planos que lhe fervem na cabeça. Camões acaba de publicar a grande epopéa, reverdecendo louros passados, e é pela bocca d'elle que ouve em Cintra cantar tantos heroes.

Anachronico, tem D. Sebastião a alma do condestavel, cujo sangue lhe gira nas veias; o mesmo culto pela cavallaria, a alma pura pela castidade, que conserva recusando-se a perdela antes da consumação do grande acto que medita; os campones são diferentes, diversas as jerarchias, identicas as indoles.

O condestavel feliz salva a independencia da patria assegurando a corôa ao Mestre de Aviz; o outro, sonhando só no engrandecimento da patria e na propagação da fé, morre beijando os areaes de Africa.

Discipulo dos Camaras e de Pedro Nures, aproveitara-lhes as lições; intelligente, foi um erudito, e de quanto o seu coração era grande dão-nos testemunho, as suas maximas, que elle proprio escreveu e que chegaram até os nossos dias, e a carta que, ao empunhar o sceptro, escreveu aos concelhos, á maneira de programma a seguir no seu governo.

Instituiu o conselho de estado, formado dos principaes homens para aconselhar o rei nas questões de mais importancia, e conseguiu do Papa uma bulla para que as commendas das ordens militares só se podessem dar em recompensa de serviços prestados no ultramar.

Embalado ao som das victorias de Mazagão e da India, representante d'uma dynastia em que cada principe augmentára o patrimonio herdado quiz-lhes seguir o exemplo reatando o primitivo plano da conquista de Marrocos. Pouco depois de tomar posse do governo, quer experimentar as suas aptidões e prepara uma expedição para ir correr as costas da Berberia; elle proprio a dirige em pessoa, mostrando assim os conhecimentos que tinha na navegação; percorre as costas africanas, lançando o terror em todos os Estados berberescos.

D'esta correria trouxe el-rei mais arreigada a ideia d'uma passagem á Africa.

Ruminava D. Sebastião passar a Marrocos,

quando appareceu uma occasião azada para o fazer, como nunca se tinha até então apresentado.

Marrocos ardia em discordias entre os dois xerifes que, julgando se com direito ao throno, já tinham vindo ás mãos e preparavam-se para se lançar de novo nos azares d'uma guerra civil.

Muley-Hamet, espoliado do throno por Muley-Moluco, seu tio, tratava por todos os meios de se reapoderar do throno, a que se julgava com direito Sabendo do intento de D. Sebastião de passar o Estreito, veio pedir-lhe o auxilio que nem do Grão-Senhor, nem de Philippe II pôde haver, e com promessas de cedencia em certos logares da Mauritania o instigou a que aproveitasse tão boa occasião de levar por diante o seu plano.

Portugal estava por assim dizer dividido em dois campos: os velhos e os novos. Os primeiros — soldados experimentados da India e da Africa conhecendo bem o estado de despovoamento do paiz, vendo el rei sem querer mudar de estado e o reino, sem successor directo, lançado ou n'uma guerra civil de pretendentes ou ir parar ás mãos de Philippe II, sendo absorvido pela Hespanha — aconselhavam D. Sebastião a que desistisse da jornada ou que, pelo menos, se casasse antes de o fazer.

De todos el-rei desprezava os conselhos, dando só ouvidos ao partido contrario que entusiasmado com os feitos passados, não pensava senão em incitar D. Sebastião para que lhes desse ensejo de poder mostrar que não desmereciam d'aquelles de quem vinham.

Antes de dar principio aos armamentos e tomar decisão definitiva, passou-se el-rei a Hespanha, onde em Guadalupe teve uma entrevista com Philippe II, pedindo lhe auxilio para a ida a Marrocos. Tentou o rei de Hespanha dissuadi-lo da empreza e, como o não conseguisse, prometeu-lhe o soccorro pedido, que depois deixou de prestar, a pretexa de ver as costas dos seus Estados ameaçadas pelo turco.

Voltando ao reino, começou D. Sebastião os preparativos para a guerra e, como o paiz se achava exausto de gente em consequencia das saídas para a Africa e India, mandou por toda a parte fazer recrutamento forçado, conseguindo juntar apenas nove mil homens completamente alheios ao mister da guerra e que, tirados da charua e arregimentados, seguiam para Lisboa. Mandou arranjar gente á Italia e á Allemanha: da primeira vieram-lhe novecentos homens sob o commando do Marquez de Sternole, e das terras do Imperador tres mil ás ordens de Samberg; de Castella veio igual numero com D. Alvaro de Aguilár.

Christovão de Tavora era o commandante do corpo dos aventureiros, esse grupo de fidalgos que tão nobremente se havia de bater e que n'um impeto de inexcedivel valor quasi nos daria a victoria.

Compunha-se todo o exercito de dezoito mil homens; d'estes, metade completamente bisinhos, que pela primeira vez se iam encontrar em frente do inimigo, e isto em terra extranha!

Lisboa vestia-se de galas, eram vespuras da partida, e pelo aspecto dos fidalgos mais parecia que iam a um passeio militar do que a uma arriscada empreza. O povo, lembrando-se de Ceuta e Arzilla, da pouca gente que fôra e da facilidade da empreza, começava a acreditar no bom exito d'esta e, entusiasmado-se, doidamente acclamava el-rei e os soldados que iam para o embarque. Afigurava-se-lhes tão certa a victoria, que D. Sebastião levava a corôa fechada e o globo de ouro para se proclamar imperador; o discurso de saudação ia feito, e um chronista acompanhava a expedição para de perto ver os feitos que havia de contar.

Os descendentes dos conquistadores da India e da Africa, que com um punhado de homens taes obras praticaram, não podiam acreditar n'um desastre aqui n'esta Africa, por nós tão passeada e vencida.

A 24 de junho de 1578 fez-se a expedição ao mar e, seguindo o trilho da de Ceuta, foi a Lagos, onde se demorou quatro dias; d'alli partiu para Cadiz, na Andaluzia, onde commetteu a imprudencia de se deter oito, dando assim logar a que Muley-Moluco, que se achava em Fez, se fosse precavendo e dispondo a marchar em direcção á costa. De Cadiz seguiu para Arzilla, fazendo escala por Tanger, onde mais tempo foi perdido!

Desembarcou el rei em Arzilla, onde, junto á cidade, assentou arraial, havendo algumas escaramuças de pouca importancia com os troços de cavalleiros que andavam em exploração.

(Continúa)

Julio Ferreira Girão.



REVISTA POLITICA

A politica portugueza está no seu estado interessante, como delicadamente diria o paiz, se não fôra já pae de tantos filhos que tão sem consciencia tem explorado o pobre velho.

Assim não sei se o estado de gestação em que n'este momento se encontra a politica caseira, se poderá chamar interessante ou degradante pela especie de filhos que virão do laborioso parto que o governo, com o seu exercito de galopins, está preparando por esse paiz fóra.

Todos os dias as folhas politicas dão noticia das arbitrariedades que se estão cometendo por toda a parte, na louvavel intenção de converter os infieis, que não comungam com o governo, e n'este empenho andam envolvidas auctoridades civis e ecclesiasticas, o que dá uns certos ares inquisitoriaes ao modo de adquirir adeptos, de crê ou morrer como nos tempos em que imperava o negro tribunal.

D'este modo, no que mais se pensa agora é em eleições, o que corresponde a mais uma calamidade para juntar ás muitas que teem cahido sobre este paiz.

A proporção que a cotação dos votos sobe, desce a cotação dos fundos, isto, porém, não preoccupa o governo todo absorvido na montagem da machina eleitoral, com que espera triumphar de todas as difficuldades financeiras e da baixa do cambio, que pelos modos já não o assusta como aqui ha dois mezes, quando era opposição.

Até parece que a baixa do cambio e a subida das libras a mais metade do seu valor, faz appetite de as arranjar por todos os modos para depois as ver crescer no thesouro á proporção que ellas forem dobrando os pés com a cabeça.

Só assim se explica que o governo em dois mezes de administração, já tenha contrahido dois empréstimos, ou suprimentos, como agora lhe chamam, na importancia de um milhão e cem mil libras, cuja applicação não se sabe claramente qual seja. Provavelmente é para fazer pé de meia, na perspectiva de cada libra ainda vir a valer duas ou tres, e então se apreciará devidamente a habil operação financeira do sr. ministro da fazenda.

Escusam as más linguas de propalarem que é para despesas eleitoraes o dinheiro que o governo está arranjando e o mais que espera arranjar, porque ha suspeitas bem fundadas de que os taes suprimentos são por conta de maiores quantias, que o governo ainda hade levantar; nós não nos faremos echo d'essas más linguas e antes nos inclinamos para o pé de meia, a não ser que a meia tenha alguma malha cahida por onde as libras vão sabindo á formiga sem se dar por tal.

Em todo o caso o que se quer são novos deputados que deem maioria ao governo na nova camara, ainda que esta tenha a vida das rosas de Melber, pois terá de morrer quasi á nascença para dar logar á camara constituinte que a hade substituir. Isto quer dizer que em breves mezes mais outra calamidade assolará o paiz com novas eleições para as côrtes constituintes, ainda que para muitos essa calamidade possa ser um cumulo de felicidades.

Surdirão como por encanto as obras reclamadas pelas povoações. Terão pontes, estradas, portos artificiaes, caminhos de ferro, cordas para os sinos e tudo mais de que precisarem ou apeteçerem. Para tudo haverá dinheiro e acabará a penuria do thesouro, para o que lá tem o pé de meia que o sr. ministro da fazenda está juntando.

A febre eleitoral é tão violenta que não deixa prestar at'enção a mais nada. Podem as armas portuguezas soffrerem revezes na Guiné, triumpharem dos namarraes, ou annunciarem-se novas perturbações em Gaza, que tudo isso são bagatellas, em presenca dos trabalhos partorientes da nova camara que hade vir á luz, muito mais prestigiosa do que a sua antecessora e psra que em nada se pareça com os barrigas, o governo entendeu, e entendeu muito bem, que até lhe devia mudar o ninho da bolorenta bibliotheca da Academia Real das Sciencias, para a sala da Camara dos Pares.

Esta circumstancia vem complicar até certo ponto a reunião das duas Camaras, uma vez que ella tem de ser feita na mesma casa, estabelecendo-se uma confusão dos diabos entre os membros da representação nacional.

Parece-nos, porém que se poderá remediar este inconveniente, com tino e clareza, principiando pelos dignos pares reunirem-se em dias pares tambem; isto é, ás segundas, quartas e sextas e os

dignos deputados em dias impares, ou terças, quintas e sabbados.

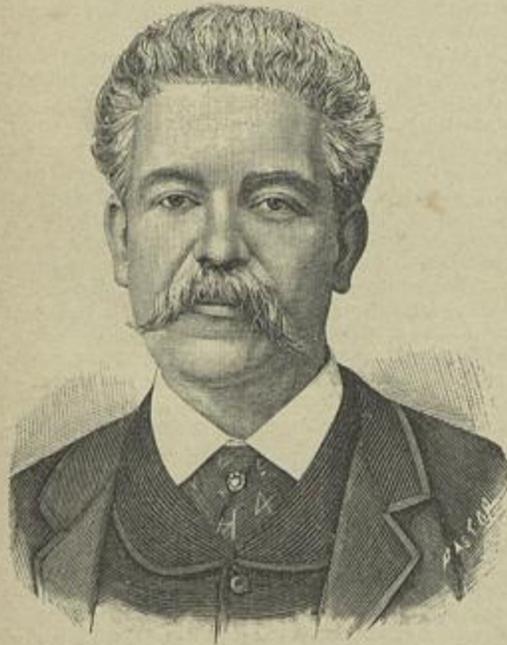
Vencida esta primeira difficuldade, resta evitar qualquer confusão que ainda possa haver sobre qual a Camara que se acha reunida em certos dias e para isso não ha nada como a monomônica. Se o dia em que estamos é uma segunda feira, já se sabe que está reunida a camara dos dignos pares, em sendo terça feira está reunida a camara dos impares, ou dos dignos deputados e assim tudo ficará no seu lugar.

Resta agora attender á logica. Como os dignos deputados reúnem em dias impares parece-nos coherente a denominação de NUNES, ficando assim perfeitamente distinctas as duas Camaras: Camara dos Pares e Camara dos Nunes.

A urna pelos Nunes, bom povo!

João Verdades.

NECROLOGIA



LEANDRO DE SOUZA BRAGA

FALLECIDO EM 6 DO CORRENTE

A ultima vez que o vi foi na recita da revista, *Em pratos limpos*, que Souza Bastos, gentilmente offereceu á imprensa e aos artistas. Oito dias depois li, nos jornaes da manhã, com espanto e com pezar, a noticia do fallecimento de Leandro Braga!

Como é fragil este barro, este envolvero capaz de conter os espiritos mais fortes, os talentos mais ricos, as almas mais illuminadas e criadoras de poetas, de artistas!

Uma congestão cerebral determinou a morte do grande artista quando elle, no seu atelier campo da sua gloria, se preparava para encetar o trabalho diario, donde auferia os proventos para a vida material e as consolações para a sua alma de artista.

Aquelle que trabalha com amor e por amor da arte, não lhe peza o trabalho, porque a satisfação que tem por cada obra que produz, não lhe deixa sentir a fadiga. Eis porque Leandro Braga, rastejando pelos 58 annos, trabalhava ainda com o mesmo enthusiasmo dos vinte annos. Poderão as forças phisicas minguar porque a materia se transforma, mas o espirito será o mesmo, sempre vigoroso e pujante, como era o de Leandro Braga, a affirmar em cada obra que produzia o vigor do seu talento, a mestria do seu saber.

E poucos de nossos artistas sabiam tanto como elle, de historia da arte, em se tratando de uma epoca, de um estylo, sobre o que tinha vastos conhecimentos especiaes.

Leandro de Souza Braga era natural da terra do seu apelido, onde nasceu a 22 de março de 1830. Modesto de origem, soube elevar-se pelos merecimentos proprios, que são o esteio mais solido de um nome laureado.

Veio para Lisboa por 1853 aprender o officio de entalhador na officina do mestre Ignacio Caetano bem conhecido como artista de valor.

O discípulo, porém, havia de sobrelevar ao mestre, consequencia da natural disposição que tinha para a arte e do muito amor ao estudo.

Foi ainda sob a totela de Ignacio Caetano que

Leandro Braga trabalhou na decoração da tribuna do Real Theatro de S. Carlos.

Em 1862, Leandro Braga passou para o atelier do escultor Anatólio Calmels que então trabalhava na excessão do grupo que crôa o Arco Triumphal da Praça do Commercio. Achou-se n'um meio melhor, mais artistico, na intimidade de um artista de nome, que soube guiar-lhe a tendencia natural para a grande arte em que mais tarde tanto se havia de nobilitar.

Por aquelle tempo estava em construcção a grande sala da Camara dos Pares e o escultor Calmels fôra encarregado do modelo para o doel do throno, que devia ser executado depois em madeira. O artista escolhido para executar essa obra foi Leandro Braga, que a desempenhou superiormente assim como a cadeira presidencial que se vê no throno, a qual, porém é toda obra sua, modelo e execução.

Estes trabalhos foram a revelação do artista e ali principiou o seu periodo aureo, abrindo um atelier, na Calçada do Combro, onde durante um largo periodo Leandro Braga executou obras de talha que se pôdem admirar nos palacios da Ajuda, dos srs. duques de Palmella, conde de Sabogosa, conde de Cabral, Mendes Monteiro, Flaminio Anjos, Fortunato Chamiço, Thomaz Pacheco e outros.

As obras de talha executadas por Leandro Braga, na sala de meza, no atelier e no budoir de Sua Magestade a Rainha D. Maria Pia, no Paço da Ajuda, bastam para fazer a reputação do artista.

As decorações em madeira que se encontram no palacio real de Belem, feitas por occasião do casamento do então principe e hoje Rei D. Carlos, são tambem trabalho seu, assim como o leito nupcial dos reaes nobentes, em estylo Luiz XV.

No palacio do sr. marquez da Foz, na Avenida da Liberdade tambem se pôdem admirar obras de Leandro Braga que ali trabalhou durante muitos mezes na decoração das salas, sendo a mais notavel a sala de baile, em estylo Luiz XV, imitação de outra do palacio real de Queluz, e o escriptorio, estylo Renascença, aproveitando fragmentos de talha antiga.

Um dos seus ultimos trabalhos mais importantes encontra-se no chalet do sr. Frederico Biesler, em Cintra. Neste chalet, a sala de mesa e a principal, um gabinete e a capella, são obra de Leandro Braga.

Quando a morte surpreendeu Leandro Braga estava elle desempenhando trabalhos importantes para a sr. duqueza de Palmella.

Innumeros moveis, dispersos indicam ainda o cunho do seu auctor, entre outros citarei uma meza em madeira dourada e pintada, estylo greco-romano, pertencente a Sua Magestade a Rainha Senhora D. Amelia; uma poltrona em pau-santo e marphim, pertencente ao sr. Mendes Monteiro, uma meza, Luiz XVI, do sr. Marquez da Foz; um aparador, monumental, pertencente ao sr. conde de Cabral; uma secretaria em ebano e carvalho, tambem pertencente ao sr. Marquez da Foz, e quantos mais que seria longo innumerar n'estas breves notas que aqui ficam, e que em grande parte me foram muito obsequiosamente fornecidas por um intimo amigo de Leandro Braga, o sr. José dos Santos Liborio, intelligente proprietario-gerente do Salão de Vendas da Avenida da Liberdade, o qual tambem obsequiosamente cedeu o retrato que publicamos do inolvidavel artista.

C. A.



Recebemos e agradecemos

Desenvolvimento e expansão da monarchia portugueza por Julio Ferreira Girão. Typ. de A. J. da Silva Teixeira. Porto. MDCCCXCVII.

Importantissimo trabalho, que honra sobremaneira o seu illustre auctor, aquelle de que ora nos occupamos. Notabilissimo estudo de um assumpto immenso, em que se revelam raras qualidades de erudito e de patriota. Epopeia em prosa de um povo que affirmou a sua vitalidade em todo o mundo. Tal é a obra que gentilmente nos offereceu o sr. Julio Girão, que n'ella tem o seu melhor diploma de litterato e de estudioso. E torna-se tão difficil hoje o congruar estas entidades do erudito e do litterato elegante, que é sempre muitissimo para louvar quando apparece um estudo

da capacidade do que temos presente. Rarissimo tambem é juntarem-se n'uma mesma grinalda de flores com os fructos, e quantos por estes ultimos esquecem as formosas folhas da primavera, e escrevem n'uma linguagem de ferro, sem malleabilidade, sem os encantos que o nosso idioma possui. São didacticos, dogmaticos, frios e duros, senões estes que a aridez do assumpto agrava ainda.

Dizem os criticos que são duas qualidades incompativeis: a elegancia da forma e o profundo da materia, mas bastos são os exemplos do contrario, felizmente, aos quaes agora se junta o notavel trabalho que desenvolve o mais consolador thema para a nossa nacionalidade — a expansão do povo portuguez.

Como andou bem o sr. Julio Ferreira Girão ao tomar para si as palavras de Herculano:

«Pobres, fracos, humilhados, depois de tão formosos dias de poderio e renome, que nos resta senão o passado? Lá temos os thesouros dos nossos affectos e contentamentos. Sejam as memorias da patria, que tivemos, o anjo de Deus que nos revoque á energia social e aos santos affectos da nacionalidade.»

Quem ler attentamente o presente livro muito viverá do passado, gozará a alegria das nossas victorias, suspirará com tristeza os desastres soffridos, mas alfim em tudo achará uma doce consolação, um balsamo amadioso para epocas de tanto aviltamento como as actuaes.

Quem ressuscita tão brilhantemente os subidos feitos dos heroes portuguezes, merece um incondicional applauso e agradecimento que não pensamos em regatear.

Formosissimos são todos os quatro capitulos ou partes do livro em questão. A primeira trata da formação do reino de Portugal e sua desligação de Castella, a segunda dos Algarves e d'além-mar, e terceira das Indias, a ultima de Alcacer-Quibir.

Suggestiva leitura, magno assumpto.

Ao leitor offerecemos n'outro ponto da nossa revista um excerpto, que embora não dê completa ideia da contextura geral da obra, mostrará a maneira facil como se offerece á leitura, e a elegancia da forma, porque apesar das varias pretensões das escolas litterarias, a forma é ainda, e será sempre, o principal, porque é ella só que eterniza e memora. Não admiramos hoje as obras da antiguidade pelo seu espirito, que taxamos de ingenuo e infantil, mas sim pela forma delicada e original como estão escriptas. Desprezar a forma é pois um defeito de que se abusa mas que derrue os mais solidos trabalhos.

Ao sr. Julio Girão só temos pois a felicitar pelo seu livro, cuja impressão cuidada e magnifico papel tornam ainda mais agradável de ler.

Almanach da Typographia Castro Irmão, 31, 33. Rua do Marechal Saldanha. Lisboa 1897.

Foram-nos offerecidos por esta conceituada typographia dois exemplares do seu gracioso calendario, que contem muitissimas indicações uteis e que representa um delicado brinde dado aos freguezes de tão antiga officina, que já conta hoje mais de 73 annos.

A impressão é nitida e a capa dourada.

A CAMPANHA D'AFRICA

CONTADA POR UM SARGENTO
EDIÇÃO POPULAR

Illustrada com 40 gravuras
retratos dos heroes da campanha, vistas de terras
d'Africa, combates, etc

Preço 300 réis, pelo correio 320 réis
Com uma linda capa de percaline, 500 réis

Segunda edição

PEDIDOS A EMPRESA DO OCCIDENTE
LARGO DO POÇO NOVO

LISBOA

Capas para encadernação do «OCCIDENTE»

Preço da capa 800 réis, franco de porte.
Preço da capa e encadernação 1200 réis.

Pedidos á Empresa do «OCCIDENTE»
Largo do Poço Novo — Lisboa

O OCCIDENTE acha-se á venda em Paris na livraria Boyveau & Chevillet — Rue de la Banque, 22 — (Près la Bourse).

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Typ. de A. E. Barata Rua Nova do Loureiro, 25 a 39